Silva, F. M.; Ricci, D.; Rosa, C.; Rita, A.; Freire, R. A. (2020). *Os estudos de gênero no contexto italiano e de língua portuguesa. Múltiplos Olhares / Studi di genere nel contesto italiano e de língua portoghese. Sguardi Multipli*. Coelho Rosa Edições. São Paulo: 349 pp.

Robson Caetano dos Santos[1]



Já é de praxe considerar, no mundo acadêmico, que a Literatura é um espaço que oportuniza e suscita discussões sociais e políticas — atuais e ao longo da história —, podendo levantar e debater questões sobre gêneros, minorias e ideologias que foram e são segregadas, ou estigmatizadas. Evidentemente, tudo isso desde que o texto literário apareça em primeiro lugar, não devendo, assim, ser utilizado estritamente com intenções proselitistas ou doutrinárias. Todavia, como já disse Jacques Rancière (*Políticas da Escrita*, 1995), toda escrita, por mais despretensiosa que possa parecer, apresenta propósitos políticos, sendo que, por detrás da mão do escritor, além da intenção estética, o que a move também é o desejo (sub)inconsciente de representar as marcas sociais e hierarquias da sociedade em que se insere.

[1] UNEMAT – Universidade do Estado de Mato Grosso. ORCID ID: https://orcid.org/0000-0002-8000-5244.

Tal norte é o que rege a primorosa coletânea *Os estudos de gênero no contexto italiano e de língua portuguesa. Múltiplos Olhares / Studi di genere nel contesto italiano e de língua portoghese. Sguardi Multipli*, organizada sob os cuidados de Fabio Mario da Silva, Débora Ricci, Cristina Rosa, Annabela Rita, Rogéria Alves Freire, a qual nos conduz a refletir sobre a questão de gênero através de trabalhos com grande densidade teórica e apuradas análises realizadas por pesquisadores do Brasil, Itália e Portugal. Não se trata de uma obra bilíngue — no sentido que rege o senso comum — com tradução simultânea em ambas as línguas, mas trabalhos escritos na língua de Dante Alighieri, na primeira parte, e na língua de Camões e Machado de Assis, na segunda. Portanto, requer do leitor um conhecimento instrumental em ambas as línguas latinas. A obra também não se volta exclusivamente acerca de questões sobre sexualidade — contrariando outro senso comum, quando se toca em questões de gênero — mas transpõe e amplia essa temática para questões sociais, históricas e políticas, questionando, assim, papéis que são definidos pelas sociedades e hierarquias instituídas. Já na parte introdutória, os organizadores da edição ressaltam aspectos dos estereótipos de gêneros e sua estrita ligação com a cultura de que faz parte (e nisso acrescentamos a língua juntamente com suas representações literárias) ao mencionarem o termo estereótipo e sua ligação com uma imagem rígida, definido como «a forma através da qual a nossa mente simplifica o raciocínio e constrói as próprias referências **culturais e ideológicas**» (Silva *et al.*, 2020: 13, grifo meu). Tal remetimento em destaque conduz o leitor ao seguinte questionamento: os recentes e, às vezes, polêmicos *gender studies* podem ser generalizados, petrificados ou estáveis em qualquer contexto ou podem ser particularizados ao serem avaliados dentro de uma determinada sociedade ou cultura?

Nesse sentido, Angela Maria Gasparetti, em seu trabalho nesta obra, ao tratar sobre a violência e o silenciamento das vozes femininas presentes em contos de Rubens Fonseca, sintetiza o que se espera do leitor nessa coletânea:

> […] o leitor mais arguto deve se contrapor a interpretações ingênuas e humanitárias, colocando-se acima dos preconceitos morais que norteiam a mentalidade da classe média domesticada. Somente dessa forma, será capaz de fazer uma leitura da realidade de diferentes ângulos, em que verdades estabelecidas sejam colocadas sob suspeita. (*Ibidem*: 213).

Lembremos que os estudos de gênero foram segregados dentro das universidades até recentemente, pois vigoravam estereótipos de visar a «mudança de orientação sexual», não atentando para a riqueza de discussões que essa área de estudos realmente se ocupa, ou seja, dar visibilidade e voz aos seres que foram apagados das narrativas, ou ainda perceber a «tensão» nas relações subalternas e

inferiorizadas de seus papéis. Sob tal viés, na coletânea são analisadas obras literárias de autores como Paulina Chizianne, Clarice Lispector, Giorgio Bassani, Claudia Manselli, Agustina Bessa Luís, Cláudia de Campos, Dulce Maria Cardoso, Isabela Figueiredo, Ada Negri, Alfredo Cortez, dentre outros, perpassando ainda outros gêneros como cinema, publicidade e livros de ilustrações que mimetizam os papéis sociais masculinos e femininos.

Merecem destaque, na primeira parte em língua italiana dessa obra, a acurada análise de Andrea Santamaria Villarroya, sobre os personagens femininos nas obras cinematográficas de Federico Fellini, cujo tema constante é a relação entre os sexos ou, para ser mais preciso, a mercantilização e a objetificação das mulheres pelos homens em filmes como *La dolce vita* (1960), *Amarcor* (1973) e *La città dele donne* (1980). Para exemplificar, estereótipos como o da *femme fatale* passam pelo crivo analítico da estudiosa. Outro trabalho que chama a atenção é o de Licia Bagini sobre as construções dos modelos femininos e masculinos na publicidade televisa italiana nas décadas de 60 e 70. Tal recorte viabilizou contemplar como os italianos foram representados e se reconheceram no período estudado ou, em outras palavras, como esse recurso divulgou amplamente tais estereótipos.

Na segunda parte, escrita em língua portuguesa, sublinhe-se as contribuições de Helena Queiróz: «A "mulher varonil" em biografias devotas dos séculos XVII-XVIII: construção subversiva ou normalização?», cujo intuito é focar-se em três aspectos de inferiorização da mulher, no âmbito religioso, para além de boa esposa e boa mãe: representações do sexo frágil, fábrica do feminino e mulher varonil (mulher fora da norma); também o trabalho de Maria Cristina Pais Simon com «Cláudia de Campos ou a concepção da literatura de autoria feminina no Portugal fim de século», evidenciando um conservadorismo mesmo entre as feministas portuguesas em suas representações de gênero; e por fim, Marly Catarina Soares com «Três vozes da literatura brasileira na tangência entre versos e controvérsias», dando visibilidade à mulheres que escreveram antes do século XX: Júlia da Costa, Helena Kolody e Luci Collins.

Parafraseando Tzvetan Todorov (*A literatura em perigo,* 2009), para além da aplicação da língua e do discurso, o texto literário nos conduz à um conhecimento humano profundo, um estudo do homem (genericamente falando), sua relação consigo mesmo, com o mundo e com os outros. Similarmente, a obra em questão conseguiu vencer essa desafiadora contextualização linguística, cultural e humana — sob um prisma histórico e social — em espaços em que transitam as língua portuguesa e italiana, enriquecendo e ampliando nosso horizonte de expectativas sobre a questão dos gêneros, demonstrando assim, ser o resultado das pesquisas mais atuais sobre essa temática.